

autores, como é o caso do processo de amostragem ou da escolha dos testes neuropsicológicos que compõem a bateria de avaliação.

No que respeita à conceptualização de psicopatia, vimos anteriormente que se mantém um intenso debate sobre a inclusão do comportamento antissocial como sintoma da psicopatia, sendo considerado por alguns autores apenas uma consequência da associação de um conjunto de traços de personalidade e de funcionamento psicológico ou neuropsicológico que caracteriza este quadro de modo global. Partindo desta ideia, a primeira possibilidade é a escolha do instrumento para identificação de psicopatia (PCL-SV) que considera para o diagnóstico a presença de dois principais fatores – afetivo-emocional e comportamento antissocial impulsivo – o que pode ter estado na origem de falsos negativos, ou seja, psicopatas que não manifestam comportamento antissocial impulsivo e com baixa pontuação no fator afetivo-emocional podem, erradamente, ter sido considerados como não psicopatas.

Por outro lado, nada nos garante que os psicopatas não criminosos não são capazes de condutas que configuram crime, sendo que podiam já haver cometido condutas dessa natureza sem consequências de natureza jurídico-penal (crimes ocultos ou silenciosos), o que de alguma forma justificaria a ausência de diferenças entre os grupos de psicopatas criminosos e não criminosos, sendo esta uma das limitações consideradas pelos autores para justificar os resultados obtidos.

Por último, a baixa representatividade da amostra, a seleção da mesma por conveniência e a pouco especificidade de alguns testes para identificação dos défices neuropsicológicos, com relação às funções executivas consideradas, fazem aumentar a dúvida sobre a relevância do estudo apresentado por Catarina Iria e Fernando Barbosa neste livro, não obstante o mérito reconhecido como tra-

balho pioneiro sobre a questão da psicopatia não criminosa ou bem sucedida e que, indiretamente, fortalece a posição a partir da qual se deve passar a considerar o comportamento antissocial mais como uma consequência do que como um sintoma intrínseco da psicopatia.

Helena Amaro

Instituto Superior Miguel Torga

Charles Melman. 2009. *La Nouvelle Économie Psychique: La Façon de Penser et de Jouir Aujourd'hui*. Toulouse: Érès. 238 pp. ISBN: 978-2-7492-1048-8.

Charles Melman, psicanalista francês e membro fundador da Associação Lacaniana Internacional, prossegue neste livro a reflexão iniciada com *L'Homme sans Gravité: Jouir à Toux Prix* (2002). Trata-se, tal como no livro anterior, de interrogar o social a partir da psicanálise e interrogar a psicanálise a partir do social. Acontecimento digno de ser saudado, tanto mais que é relativamente raro no universo psicanalítico. As transformações sociais a que vimos assistindo nas últimas décadas, designadamente a ressurgência do matriarcado, escreve Melman, justificam a seguinte questão: existe uma nova economia psíquica, fruto das aceleradas transformações sociais e culturais? Segundo Melman, esta questão do matriarcado versus patriarcado parece ser particularmente incómoda, e o próprio Freud teria fugido a ela. Por ser incómoda, preferimos vê-la como anacrónica. Sem razão, afirma o autor. Porque o matriarcado, partindo do princípio de que existiu antes (não o sabemos ao certo), está de volta.

Com o matriarcado, não tanto como organização social, mas configuração a nível do simbólico, as neuroses perderam a sua importância e novas formas clínicas predominam, sobretudo a borderline. Al-

guns sintomas: voyeurismo generalizado, império do gozo imediato do objeto, des-simbolização, desinstitucionalização em que o sujeito deixa de estar referido a um Ideal, mas a um universo de objetos sucessivos. Assim, predomina na clínica a depressão, que mais não é que o sentimento de nada valer aos olhos do grande Outro, no sentido da linguagem lacaniana, como o espaço aberto de significantes com que o sujeito se depara desde que nasce (cf. *L'Apport Freudien*, Bordas, 2003).

Este 'tesouro de significantes' não é, tal como a mãe, nomeável. Referente do simbólico, este grande Outro está em mutação nas nossas sociedades. A tese de Charles Melman é a de que, na atualidade, o problema da depressão não é apenas um problema de organização psíquica individual, mas também um problema social. Melman refere, a propósito, o problema do desemprego. Como tratar um paciente que vê de repente o seu valor mercantil desaparecer e se encontra em situação de desemprego? Como ignorar as circunstâncias exteriores? Como responder a uma situação semelhante? Com a verdade, dizia Lacan. Tratando o paciente como um ser responsável.

Em contrapartida, as histerias têm vindo a diminuir. A histeria, escreve Melman, é a manifestação de um sujeito que não encontra referente capaz de conferir autoridade à sua palavra. A teatralidade é hoje assegurada pelas possibilidades mediáticas a que democraticamente todos temos, em princípio, acesso. A nova moral pública deixou de depender de um Livro, de um texto sagrado, para passar a depender da opinião dos espectadores (mais uma vez 'democraticamente'). Desta forma, as toxicomanias são as patologias da atualidade. O fantasma de que existiria uma substância capaz de tratar a insatisfação e a dor de existir é antigo, mas encontra eco nas várias drogas ao nosso dispor.

A condição subjetiva moderna, para Melman, obriga à seguinte questão: se o sujeito atual já não recebe a mensagem

do grande Outro, de onde a recebe? A resposta de Melman é que a recebe do consenso social, da opinião. Esta mensagem é menos complexa do que a do grande Outro, que exigia uma hermenêutica. Esta é uma mensagem direta, não tem mistério, e designa o objeto capaz de nos satisfazer. Não ao nível simbólico, mas ao nível do real. Na medida em que o desejo deixa de passar pela castração, não há mediação e o que torna o objeto desejável são as propriedades excitantes e estimulantes que ele exhibe. Assim se passa do erotismo para a pornografia, que caracteriza a nossa época. Estamos longe do pensamento libertino que, diz Melman, marcou brilhantemente o século XVIII. Vivemos entre uma miríade de objetos excitantes, e onde todo o tipo de gozo é possível. Neste novo dispositivo subjetivo, o sujeito do desejo foi deslocado. Já não é mais o sujeito inconsciente do desejo, é o sujeito explícito e presente no campo das representações. O inconsciente do sujeito desejante, tal como foi postulado por Lacan a partir do inconsciente freudiano, aparece agora dissociado do sujeito: há um sujeito produzido pela ciência que não tem inconsciente. Na medida em que o sujeito faz agora parte do campo das representações, é-lhe difícil distinguir o real do virtual. Por outro lado, recebida de forma tão direta, a mensagem da opinião pública é totalitária e impõe-se de tal maneira ao sujeito que impede qualquer forma de oposição. Este fenómeno é visível no pensamento único, no politicamente correto, num certo fascismo intelectual que se vai esboçando numa sociedade pretensamente aberta.

Consequência clínica deste estado de coisas, é o chamado sujeito atópico que Charles Melman afirma aparecer, cada vez mais, perante o analista. Que sujeito é este? É o sujeito que não encontra o seu lugar, a sua própria voz. Aparece-nos como inconsistente, sem projetos, sem desejo. Por vezes, sem identidade sexual. O tripé em que assenta a teoria lacaniana (real, imaginário, simbólico) está ampu-

tado. Funcionamos num mundo, escreve Melman, em que nada é impossível.

O livro consiste em cinco partes principais: um texto de Charles Melman sobre as novas formas clínicas, que respeita a uma sua comunicação em Curitiba, no Brasil; um debate que teve lugar em Paris com Pierre Beckouche e Marcel Gauchet; um diálogo entre Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun; e dois textos de Melman sobre o matriarcado. A oportunidade das considerações relevadas é considerável e torna altamente recomendável a sua leitura, sobretudo para aqueles de entre nós que se preocupam com o papel da psicanálise não só na clínica, mas também na sociedade. Como pergunta Melman no início, seremos nós capazes de aceitar o desafio de interrogar um real que deixa pouco espaço para a reflexão e para a dúvida, submersos que estamos numa mutação cultural que nos oferece o gozo imediato e anula o acesso ao simbólico?

Clara Pracana

Instituto Superior Miguel Torga

Carlos Amaral Dias. 2009. *Carne e Lugar*. Coimbra: Almedina. 134pp. ISBN: 9789724037622.

A primeira afirmação que nos resulta é, desde já, sustentar que estamos perante um livro inquietante. Um livro que se interroga e nos interroga. Que nos perturba, porque nos remete para esse território de Pensar, aquele pensar, como disse Simmel, que faz doer. Mas que dessa dor se abre à claridade das grandes descobertas, nos cura, como diz Nadir Afonso, como os que descobrem a arte. Cura-nos ou redime-nos, e situo fora da aquiescência cristã, porque nos liberta das trevas ignoras a que nos condenam a ignorância e sobremaneira o não quereremos ser interrogantes.

Com este livro passei horas na devoção degustada e, como tal, lenta, na degustação, dizia, da linguagem, essa eterna cúmplice, embora uma outra, especializada com certeza, fluida por felicidade nossa, rigorosa pela proveniência; passei horas nessa lenta degustação e conseqüente ensaio de metabolização da palavra, ia dizer, aqui notavelmente edificada, para a reconstrução do meu próprio edifício de Pensar.

Digo isto, é óbvio, com tanto orgulho quanto dimensionável terror. Gerir afetos e confluir epistemas não é tarefa que tranquilize o historiador das ideias, que aqui declina identidade, para falar de um livro nascido de oralidades, transcrito e assinado por uma pessoa que amo. Num indizível e superior sentido de pertença, que nos corresponsabiliza.

Inicia-se a singularidade deste precioso objeto de pensamento e revelação por um Prefácio que afixa esta pertinente advertência; ‘o leitor que se precavenha, porque o autor está aqui para mexer com ele e não tem medo’. Que não tem medo, ressaltará no que vou tentar dizer. Que mexe connosco, parece-me que já mais acima anunciei, mesmo que um tanto vagamente, na advertência que enunciei para a convocação do Pensamento.

O que primeiro é trazido à Ágora da discussão iluminante é a maneira como o autor se apresenta, se torna presente, representa. Para além de traços de personalidade tão revelados já em públicas intervenções, a lúcida assumptione da transitoriedade das respostas a quanto interroga no degolar das próprias interrogações.

‘É de homem’, diz José de Sousa e Brito, que assina o Prefácio. É mesmo. Por se saber ‘mais e menos do que isso’, ou seja, a reticente relação com o próprio mito seu originário, para além do Bio-Lógico, assim, separado em dois sintagmas fundamentais, Vida e Conhecimento, significantes para uma pluralidade de significados. Lá chegaremos, se não nos faltar pelo caminho respiração condigna.